

5a. PARTE — TRANSCRIÇÕES

MATÉRIA MUTÁVEL E FORMA FIXA

Mendonça Castro

Continuo a restituir a Fortaleza o que de fato lhe pertence. Lá está Fortaleza, “ao longe, em brancas praias, embalada pelas ondas azuis dos verdes mares”. De longe eu vejo o velho Seminário Episcopal, para as bandas da Prainha, solene no seu acinzentado, sagrado pelas luzes que conferiu, através dos tempos, a legiões de alunos, e a lembrar no seu aspecto o Odeion de Herodes Atticus, herói de Maratona! Na Fortaleza de 1914 deixei os meus sonhos, o meu “pequeno mundo levantino,” as minhas alegrias, a minha vida! Em manhãs ridentes, louras de sol, percorria eu, contente, as suas ruas, a caminho do mercado. Num dos cantos da grande, limpa e bonita Praça Marquês do Herval, conhecida também como Praça do Patrocínio, em frente ao teatro José de Alencar, estudava eu latim com Raimundo Arruda, em companhia de colegas como Elpídio Prata, Eduardo Vilela, Aquiles Mesiano, Raimundo Xavier, Juarez Juaçaba, Cícero Sá Pereira, Otacílio Sá Pereira, João Alves de Carvalho, José Soares, Pedro Soares, Nilo Liberato Cruz Barroso, Nilo Garcez de Mendonça, Edmundo Vitoriano Pereira, José Maria de Figueiredo Nogueira, Clodoaldo Pinto e outros. Alguns aqui citados Deus já os levou para a sua imensa glória e deles só me restam a lembrança e a saudade!

É verdade que o passado nos governa! Lembro-me, como se fosse hoje, da manhã ensolarada em que traduzimos a derrota infligida por César aos Tigurinos nas margens do Arar, afluente do Ródano. “**Eos impeditos et inopinantes aggressus, magnam eorum partem concidit; reliqui fugae sese mandarunt atque in proximas silvas abdiderunt**”. Para evitar as traduções já feitas, Arruda exigia que traduzíssemos nos casos, tomando

parte por parte, assim: **Aggressus eos**, tendo-os atacado; **inopiantes**, desprevenidos; **et impeditos**, ainda equipados; **conci-dit**, desbaratou; **magnam partem**, a maior parte; **eorum**, deles; **reliqui**, os restantes; **sese mandarunt** (em vez de **mandaverunt**), puseram-se; **fugae**, em fuga; **atque**, e; **abdiderunt**, esconderam-se; **in proximas silvas**, nas matas próximas.

Arruda ficava verdadeiramente desorientado quando um aluno fazia de um acusativo o sujeito da oração!

Eram assim todas as traduções, parte por parte, nos respectivos casos, nos tempos dos verbos, cujos tempos primitivos tinham que ser citados, tudo isso mesmo que a tradução não fizesse sentido de pronto. Arruda ainda descia a detalhes e salientava, por exemplo, que, no texto latino acima, **et** devia ser traduzido por ainda e **impeditos** por equipados e não por carregados, porque, explicava ele, o equipamento do soldado compreende, além da farda e do armamento, os apetrechos todos de que ele precisa para acampar ou entrar em ação. Era de ver-se, por outro lado, o entusiasmo e a agitação de Arruda na tradução da destruição de Tróia, quando Laocoonte, filho de Priamo e de Hécuba, protestava, em altos brados, contra a introdução na cidade de um cavalo de pau, presente dos Gregos: "**O miseri, quae tanta insania, cives! Creditis avectos hostes? O patria, o divum domus Ilium, et inclita bello moenia Dardanidum!**" "Ó cidadãos, que loucura é a vossa? Acreditais que o inimigo se tenha retirado? Ó, pátria; ó, Ilio, morada dos deuses; ó muralha dos Dardânios, famosa pela guerra!" Esclareço que Dardânia era o nome de Tróade e da ilha de Samotrácia. Saudades, de Raimundo Arruda; do seu cigarro amarelado e ensalivado; das suas pernas trançadas; dos seus pijamas vistosos; das suas pantufas bonitas, das suas agitações; dos seus pigarros, dos seus olhos injetados; da fumarada dos seus cigarros, que a todos envolvia; do seu gesto de emborcar os livros; de tudo que revelava o professor exigente e dedicado! Durante as aulas, muita agitação, muito arroubo, muita exigência mas, particularmente, Arruda era só sorrisos e atenções. Estou a vê-lo, no seu passinho apressado, a atravessar a praça, sorrindo para todos e a todos cumprimentando. Grande homem, grande cidadão e grande latinista foi Raimundo Arruda!

Particularidade saudosa registro aqui. Nos dias ímpares da semana, era correr para as aulas de grego do Pe. Bruno Valente, no bondinho do Outeiro, sempre a subir e a descer a ladeira, puxado ou empurrado. Depois eu falarei sobre isso, sobre Páris a enfrentar Menelau, tendo uma pele de leopardo sobre a armadura, uma espada de punho flamejante, um arco, um caracás de flechas e dois dardos! Isso fará parte de uma homenagem que eu farei ao velho Liceu do Ceará, da Praça dos Voluntários, de saudosa memória, e aos ilustres Professores de tempos muito recuados.

Abordemos o nosso assunto de hoje. Eu sou um apaixonado das letras clássicas e vou reverenciar hoje, com o que me ensinou Raimundo Arruda, a memória de Públio Ovídio Nasão, do grande Ovídio, do “divino poeta”, que tudo cantou, que tudo mostrou, na força da sua imaginação criadora. nasceu em 20.3.48 a. C. e depois de viver mal, morreu no exílio, em Tomes, perto do Danúbio, em 18 d. C. Suas “Metamorphoses” e suas “Tristia” valem o mundo! A vida não é uma metamorfose contínua, um constante perpassar de novas imagens, de novas emoções, de decepções chocantes? As “Metamorphoses”, obra-prima de Ovídio, são constituídas de 16.000 versos primorosos que pintam as transformações que o poder dos deuses imprimiu a cerca de 250 histórias, narradas desde 2.000 anos por escritores, pintores, escultores e músicos, e que terminavam pela metamorfose de César em estrela. De passagem, Ovídio inspirou-se até em lendas orientais, como a de Pírrano, “singular entre os mancebos” e Tisbe, “superior em formosura a todas as donzelas do Oriente”. Nessa lenda, que vamos salientar aqui, Ovídio pôs em paralelo o destino de um casal de amantes e as metamorfoses da amoreira, cujos frutos brancos tomaram rapidamente a triste cor do luto. Vejamos alguns dos encantos que Ovídio nos legou:

I — Ovídio nos canta, em primeiro lugar, nas suas “Tristia”, de modo comovente, **a decepção do banido** e diz de como as lágrimas lhe rolavam constantemente dos olhos, quando teve que deixar “os territórios da extrema Ausônia” (1), em busca

do exílio imposto por César, e de como abandonou tudo que lhe era caro.

“Cum subit illius tristissima noctis imago,
Quae mihi supremum tempus in Urbe fuit;
Cum repeto noctem, qua tot mihi cara reliqui,
Labitur ex oculis nunc quoque gutta meis.
Quocumque adspiceres, luctus gemitusque sonabant,
Formaque non taciti funeris intus erat.
Femina virque, meo pueri quoque funere maerent,
Inque domo lacrimas angulus omnis habet.
Si licet exemplis in parvo grandibus uti,
Haec facies Troiae, cum caperetur, erat.”

“Quando me recordo da tristíssima noite
Que para mim foi a última na Cidade (2)
Da noite em que perdi tudo que me era caro,
Sentidas lágrimas ainda me correm dos olhos.
Para qualquer lado que se olhasse,
Choros e lamentações eram ouvidos,
Como se se tratasse de um sentido funeral!
Mulheres, homens e crianças lamentavam se a morte
E em cada canto da casa havia uma lágrima!
Se grandes exemplos servem às pequenas coisas,
Era este o aspecto de Tróia quando foi tomada.”

II — Ovídio canta-nos depois **a simplicidade, a ingenuidade**, na pessoa de Proserpina (3), que foi perseguida pelo Rei do Averno (4), quando colhia lírios, boninas e violetas nas margens do Pergo (5), nas vizinhanças de Ena (6):

“Toda medos e assombro, a sem ventura
Por sua mãe, por suas companheiras, grita,
Porém mais pela mãe que pelas companheiras.
Nas ânsias da aflição, lacera as vestes.
As boninas, no grêmio (7) entesouradas,
Caem-lhe aos pés, espargem-se na terra.
Vêde agora a infantil ingenuidade:
O perder flores tais lhe há dado pena!”

III — Com vivacidade de cores, com um matiz próprio, Ovídio, “o divino poeta”, pintou, de modo impressionante, **a ousadia máxima**, no castigo de Faetonte (8), filho de Apolo, deus do Sol, e de Climene, filha de Júpiter. Por Ihe ter Timbreu (9) negado ascendência, Faetonte quis guiar, para demonstrar a sua gloriosa linhagem, o rico carro do seu pai:

“De ouro é seu eixo, de ouro a lança, de ouro
Chapeadas por cima as vastas rodas,
Com mil do centro ao aro argênteos raios.
Crisólitos (10), matiz de pedrarias,
São recamos aos esplêndidos jaezes,
Que em chuveiros de luz à luz cintilam.”

Mas os cavalos, mal dirigidos por Faetonte, desviaram-se “da senda verdadeira” e, à rédea solta, “tendo o ímpeto por lei e o espaço por morte”, arremeteram de encontro às estrelas mais elevadas, intrometeram-se em estradas virgens, subiram ao éter e desceram à terra por íngremes abismos! Foi um Deus nos acuda!. E Deus acudiu mesmo. Para que o mundo não fosse destruído, Jove fulminou o audaz cocheiro com o raio:

“Na destra erguido o raio, ao vão cocheiro
O desfere e do carro o expulsa morto.
Assim com o sacro fogo o fogo abafá.
Faetonte, ardendo a grenha às labaredas,
Vem de roldão pelo ar; no aceso e longo
Rasto que deixa, faz lembrar estrelas,
Como as que, em limpo céu de estival noite,
Se figuram cair, bem que não caíam.
Longe do chão natal, na queda o toma
O caudaloso Eridano (11) e nas ondas
O rosto abraseado Ihe mergulha.”

As Náiades Hespérides (12) sepultaram Faetonte e Ihe dedicaram o seguinte epitáfio:

“Hic situs est Phaeton, currus Auriga paterni,
Quem si non tenuit magnis tamen excidit ausis.”

“Aqui repousa Faetonte, o audaz cocheiro
Que no carro do pai foi nume um dia.
Não se agüentou nos céus, mas, sobranceiro,
Se lhes mostrou na insólita ousadia.”

É dessa natureza a arte poética de Ovídio, alçada muito acima das estrelas, enquanto o próprio poeta, de entre as nuvens, como o diz Virgílio:

“De frente aos olhos a sorrir se oferece,
As mãos de lindas flores tendo plenas.”

IV — Ovídio cantou ainda, entre outras coisas, **as Idades da existência humana**. Primeiramente a Idade de Ouro, em que a lealdade e a justiça eram cultivadas espontâneamente. Não havia leis. O medo e o castigo não existiam, bem como não se viam, gravadas no bronze, ameaças terríveis ou uma caterva súplice a palpar diante dos juízes!

“Aurea prima sata est aetas, quae, vindice nullo,
Sponte sua, sine lege fidem rectumque coiebat.
Poena metusque aberant, nec verba minacia fixo
Aere legebantur, nec supplex turba timebat
Judicis ora sui, sed erant sine vindice tuti.”

“Foi a primeira Idade de Ouro.
Sem nenhum vingador, sem lei alguma,
Culto à fé e à justiça então se dava.
Ignoravam-se então castigo e medo.
Ameaças terríveis não se liam
No bronze abertas: súplice caterva
À face do juiz não palpitava.
Todos viviam sem juiz, sem dano.”

A Idade de Ouro era maravilhosa! Sobretudo, não havia guerras, não havia contendadas, não havia juízes, não havia danos! Todos se entendiam bem, viviam bem e “em ócios inocentes se gozavam”.

“Índas altas fossos não cingiam muros,
As tubas e os clarins não ressoavam.
Nem armas, nem exércitos havia
Sem eles, os mortais, de paz segura,
Em ócios inocentes se gozavam.
O ferro sulcador não a rompia
E dava tudo voluntária a terra.
Contente do que brota sem cultura,
Colhia a gente o montanhês morango,
Crespos medronhos, as cerejas bravas,
A amora oculta na espinhosa silva
E as pontiagudas, luzidias glandes,
Que da árvore de Júpiter caíam.”

Como tudo isso é divino! Hão de me perguntar, naturalmente: divino por que? Porque é belo. Eduard Moerike, o filósofo imortal, o artista da fantasia, o poeta semelhante ao deus Pan, não ensinou que tudo que é belo é divino? **“Was aber schön ist, selig scheint es in ihm selbst”**. A vida, meus senhores, na Idade de Ouro, era uma eterna primavera!

“Eram todas as quadras primavera.
Mansos favônios, com sutil bafejo,
Com tépidos suspiros animavam
As flores sem cultura então nascidas.
Viam-se enlourecer, curvar-se as messes,
Nos campos virgens de aratórias lidas,
E nos irem correndo o leite, o néctar,
E da verde azinheira estar fluindo
O flavo mel em pegajosas gotas.”

Que beleza, hein? Mas, como não há bem que sempre dure e nem mal que não se acabe, eis que Saturno, que fizera florescer a Idade de Ouro, é destronado por Júpiter ou Jove, seu filho, e enviado ao Tártaro:

“Postquam, Saturno tenebrosa in Tartara misso,
Sub Jove mundus erat, subiit argentea proles,
Auro deterior, fulvo pretiosior aere.”

“Depois de dado ao Tártaro (13) Saturno,
Ficou a Jove o universal império.
Veio outra Idade, se inferior à de ouro,
Superior à de bronze — a Idade Argêntea.”

E que modificações introduziu Jove no seu império?

“Jove contrái a primavera antiga:
Vereis invernos e desiguais outonos,
Curta e banda estação, que anima as flores,
O ano repartem, variando os tempos...”

Na Idade de Prata, portanto, “não mais eram todas as quadras primavera” e as estações vieram para “repartir o ano, variar os tempos e animar as flores com uma curta e branda primavera”. Às Idades de Ouro e de Prata sucederam uma terceira Idade e uma terceira geração: a Idade de Bronze e a aênea prole (**aheneus, a, um**, de bronze ou de cobre).

“Tertia post illas successit ahenea proles,
Saevior ingeniis et ad horrida promptior arma,
Non scelerata tamen.”

“Uma terceira às duas sucedeu — aênea prole,
De gênio mais feroz, mais dado às guerras,
Mas não ímpia.”

Eis o que caracterizou a Idade de Bronze: uma geração de gênio mais feroz, mais afeito às guerras, mas não ímpia!

Tudo, meus senhores, menos a impiedade! A impiedade leva a todos os delírios, que delírios são, mesmo que medicamente assim não sejam considerados, a avareza, a ambição, a luxúria, o ódio e outras afeições que dela nascem ou com ela se relacionam, como a inveja, a ironia, o desprezo, a vingança! Ovídio salientou magnificamente: prole de gênio feroz, guerreiro, mas não sacrílega (*non scelerata tamen*). À Idade de Bronze seguiu-se a Idade de Ferro, da violência, da iniquidade, da truculência e, sobretudo, da descrença:

“De duro est ultima ferro.
Protinus irrupit venae peioris in aevum
Omne nefas; fugere pudor verumque fidesque,
In quorum subiere locum fraudesque dolique
Insidiaeque et vis et amor scelaratus habendi.”

“Eis a última, a de Ferro.
Todo o horror. todo o mal rebentam dela;
De súbito fogem fé, pudor, verdade.
Ocupam-lhes o lugar a mentira, a astúcia,
A insultuosa força, a vil perfídia,
Da posse e do poder o amor infando.”

É a nossa época. Para caracterizá-la, eis que se nos deparam as guerras cruentas, os horrores que delas dimanam, os males que elas provocam, a falta de fé cristã, de pudor, de verdade, e o predomínio da mentira, da astúcia, da força insultuosa, da vil perfídia e do extremado amor ao poder!

V — Ovídio pinta-nos o **trágico**, de modo surpreendente, no sacrifício de Píramo, “singular entre os mancebos”, quando, amando Tisbe, “a donzeia mais formosa entre todas as donzelas do Oriente”, com ela marcou um encontro sob a amoreira, de frutos cor de neve, que ficava ao pé da sepultura de Nino (14).

“Píramo, singular entre os mancebos,
E Tisbe, superior em formosura
A todas as donzelas do Oriente,
Tinham contíguas as moradas suas,
Lá onde é fama que de ingentes muros
Semiramis cingiu alta cidade (15).
Ao amor a vizinhança abriu caminho,
Neles foi com a idade amor crescendo,
E unir-se em doce nó votaram ambos,
O que, injustos, os pais não permitiram.
Depois de mutuamente se queixarem
De pesada opressão que os constrangia,
Com mais cautela ainda, em tom mais baixo,
Concertam entre si que, em vindo a noite,
Haviam de iludir os pais e os servos
Dos seus lares fugindo e da cidade.”

Tisbe, na hora aprazada, estava sob a amoreira, onde “ame-
na fonte, fervendo junto dela, o chão regava”. A linda moça
sentou-se e dispôs-se a esperar Píramo, mas alimárias ferozes,
que procuravam dessedentar-se na fonte, vieram perturbá-la.

“Dava amor ousadia à linda moça.
Eis que feroz leva, ensangüentada
Da recente matança a boca enorme,
Assoma e vem depor na fonte a sede.
Por o pleno luar cobrir o campo,
A vê de longe a babilônica Tisbe,
Que com tímidos pés em gruta umbrosa
Vai abrigar-se, correndo e palpitando.
Na carreira, o véu lhe cai por terra.
Depois que as alimárias a sede ardente
Nas águas apagaram, voltando ao bosque,
O solto véu de Tisbe acaso encontram
E nos sangüíneos dentes o laceram.”

Píramo, por se ter atrasado, chegou nessa ocasião ao lu-
gar do encontro. Não encontrou Tisbe, mas viu no chão pe-
gadas de feras e, mais além, o véu da jovem completamente roto
e tinto de sangue. Apanhou o véu e, à sombra da amoreira,
lugar marcado para o encontro, cobriu-o de beijos e de lá-
grimas.

“O meu sangue, exclama, também te regue!
Recebe, ó triste véu, também meu sangue!
E, de súbito, puxando de agudo ferro,
Que de lado lhe pende, em si o embebe.
Da ferida mortal o extrai, o arranca,
E, depois, de costas no chão baqueia.
Pelos ares, com ímpeto, repuxa o sangue

Em rútilas, brilhantes espadanas!
Pelo rutilante sangue rociados,
Da frondosa amoreira os alvos frutos
Em a negra cor do luto a antiga mudam
E do sangue a raiz umedecida
Logo das amoras purpureia o sumo.”

Depois do sacrifício de Píramo, cujo sangue converteu os frutos da amoreira de brancos como a neve em rubros cor de sangue, deixa Tisbe o seu esconderijo.

“Mas, depois que, atentando, enfim conhece
A porção da sua alma, o seu amor,
Rompe em choro, em ais, em lamentos!
Píramo, nas vascas da agonia, a tudo assiste e
O semblante abatido ergue da terra
Ao ouvir da amada a voz amiga.
O malfadado moço eis abre os olhos
Já do peso da morte enfraquecidos,
Volve-os para Tisbe e para sempre os cerra!”

VI — Ovídio pinta-nos também o horripilante, o medonho, o negregado, no aspecto das Fúrias Megera, Alecto e Tisifone, aquelas mesmas que quiseram barrar os passos de Virgílio quando ele desceu ao Inferno, onde elas ainda permanecem a dilacerarem os seios com suas afiadas unhas, a se flagelarem com os seus punhos, a gritarem assustadoramente e a se arremessarem para fora do Inferno, seguidas de seu séquito de luto, pavor, medo e trépida insânia.

“A hedionda Tisifone já lança
Mão do cruento archote, enverga
O manto cor de sangue, que goteja,
Aperta o cinto de enroscada serpe,
Do Averno sai com sua comitiva
De Luto, Medo, Terror, trépida Insânia.”

Tudo o que fica aqui relatado, meus senhores, prova apenas uma coisa. É que nós só existimos como elementos separados, dispersos, no espaço e no tempo. São esses dois elementos que separam as vidas! Verdadeiros véus de Maia, eles escondem a unidade das coisas e evitam que consideremos que, na realidade, só existem espécie, vida e vontade! O indivíduo é o fenômeno e não a coisa própria e, enquanto a matéria

muda muito, se metamorfoseia, a forma permanece fixa! É por isso que o mote da História deve ser o **Eadem, sed aliter**, isto é, quanto mais as coisas mudam, mais permanecem as mesmas. **Eadem**, pelo mesmo caminho; **sed**, porém; **aliter**, de outro modo! Ovídio mostrou em suas "**Metamorphoses**", que a complexidade dos acontecimentos é sempre a mesma coisa, que o fim visado é o mesmo e que, não obstante essa complexidade, a humanidade é a mesma! A vida não continua a ser um complexo de tristeza, de simplicidade, de arrogância, de condições diversas, de quadros trágicos e horripilantes? É tudo como no tempo de Ovídio, mas de outra forma! Ovídio, ó nume tutelar da inteligência humana, tua alma sacrossanta, de tão nobilitada, desprendeu-se, desmaterializou-se em 18 d.C. e hoje, no céu, "lá no assento etéreo, onde subiu", resplandece de luz divina, qual um anjo magnífico! Também tu, Prof. Raimundo Arruda, foste um nobilitado, um feliz, porque viveste de acordo com a virtude, entendida esta última como vida seriamente laboriosa, muito mais apreciada e memorável do que as vidas ociosas.

A felicidade não impera entre os folgazões e sim entre os que vivem a vida virtuosamente, laboriosamente. Aquelas aulas de latim, dadas desde a manhã até à noite a legiões de alunos, no teu gabinete da rua Vinte e Quatro de Maio, à sombra das mungubeiras da Praça Marquês do Herval, enobreceram-te, tornaram-te um homem feliz e a tua imagem ficou-nos como exemplo de felicidade obtida à custa do intenso trabalho!

REFERÊNCIAS

- (1) Nome que os escritores latinos davam à antiga Itália.
- (2) Refere-se à cidade de Roma.
- (3) Deusa da Agricultura, rainha do Inferno, filha de Júpiter e de Ceres, mulher de Plutão, deus do Inferno, que a raptou. É a mãe das Fúrias e a festa das vindimas era feita em sua honra.
- (4) Região da Campânia, perto de Nápoles, onde a cratera de um antigo vulcão era tida pelos poetas como uma entrada do Inferno. Aqui dominava Plutão ou Dite, às vezes confundido com Pluto, deus das riquezas.
- (5) Lago fundo na vizinhança de Edna. Ovídio a ele se refere em "**Metamorphose**", 1. V.
- (6) Cidade da Itália.

- (7) Grêmio figura aqui em vez de seio. (**Gremium**, ii).
- (8) Do grego **phaeth**, **phaéthon**, **ontos**, brilhante de luz. Faetonte era filho de Apolo, deus do Sol, e de Climene, filha de Júpiter.
- (9) É o próprio Apolo. Nome oriundo de Timbra, lugar próximo de Tróia, onde foi erigido um templo a Apolo.
- (10) Palavra que os gregos adotaram do semita e que é composta de **chrysós**, **ó**, que significa ouro e de **lithos**, **ó**, que significa pedra. Trata-se de uma pedra preciosa, o topázio, amarela cor de ouro, mesclada de um matiz verde.
- (11) Nome antigo do rio Pó.
- (12) **Ésperis**, **idos**, significa em grego que é do Poente ou do Ocidente. O plural, **ai Ésperides**, significa as Náiades Hespérides, habitantes das ilhas do Poente, hoje tidas como as Canárias ou o arquipélago de Cabo Verde.
- (13) Trata-se do Inferno.
- (14) Rei da Assíria que deu o seu nome a Nínive, destruída em 625 a.C.
- (15) Rainha da Assíria que embelezou e fortificou Babilônia no século XIV a.C.